



DO HOMO SAPIENS AO HOMO FABER: UM DIÁLOGO ENTRE AXEL HONNETH E HANS JONAS

DEL HOMO SAPIENS AL HOMO FABER: UN DIÁLOGO ENTRE AXEL HONNETH Y HANS JONAS

From homo sapiens to homo faber: a dialog between Axel Honneth and Hans Jonas

Germano Alves Cavalcante ¹

Miguel Rodrigues Leite ²

Resumo: Este trabalho examina a evolução da condição humana à luz das teorias de reconhecimento social de Axel Honneth e da ética da responsabilidade de Hans Jonas. Honneth explora como a identidade e a autonomia do indivíduo são moldadas pelo reconhecimento social e pelas relações interativas na sociedade moderna. Jonas, por sua vez, destaca a necessidade de uma ética da responsabilidade diante dos avanços tecnológicos, que devem levar em consideração as causas e os efeitos das ações humanas. A transição do *Homo Sapiens* para o *Homo Faber*, como compreendem Honneth e Jonas, simboliza a transformação do ser humano de um ser predominantemente racional e social para um agente produtivo e tecnológico. O diálogo entre Honneth e Jonas revela como a capacidade de transformar o mundo exige não apenas um reconhecimento social contínuo, mas também uma consideração ética profunda sobre o impacto dessas transformações no futuro. O texto argumenta que a intersecção das teorias de ambos oferece uma visão abrangente da nova condição humana, ressaltando a necessidade de integrar a responsabilidade ética e o reconhecimento social na era da tecnologia e da produção.

Palavras-chave: Reconhecimento social; Axel Honneth; Ética da responsabilidade; Hans Jonas; Homo Faber.

Resumen: Este trabajo examina la evolución de la condición humana a la luz de las teorías de reconocimiento social de Axel Honneth y de la ética de la responsabilidad de Hans Jonas. Honneth explora cómo la identidad y la autonomía del individuo son moldeadas por el reconocimiento social y las relaciones interactivas en la sociedad moderna. Jonas, por su parte, destaca la necesidad de una ética de la responsabilidad frente a los avances tecnológicos, que deben tener en cuenta las causas y los efectos de las acciones humanas. La transición del *Homo Sapiens* al *Homo Faber*, como comprenden Honneth y Jonas, simboliza la transformación del ser humano de un ser predominantemente racional y social a un agente productivo y tecnológico. El diálogo entre Honneth y Jonas revela cómo la capacidad de transformar el mundo exige no solo un reconocimiento social continuo, sino también una consideración ética profunda sobre el impacto de estas transformaciones en el futuro. El texto argumenta que

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), núcleo do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural (IFSertãoPE); Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI). Email: germano.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1748-3136>.

² Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), núcleo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural (IFSertãoPE). Bacharel em Teologia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI). Membro do Conselho Federal de Educadores e Pedagogos (CFEP-22002147). Professor efetivo da Rede Estadual de Ensino em Pernambuco. E-mail: miguel.leite@aluno.ifsertao-pe.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8406-6039>.

la intersección de las teorías de ambos ofrece una visión integral de la nueva condición humana, resaltando la necesidad de integrar la responsabilidad ética y el reconocimiento social en la era de la tecnología y la producción.

Palavras Chave: Reconocimiento social; Axel Honneth; Ética de la responsabilidad; Hans Jonas; Homo Faber.

Abstract: This paper examines the evolution of the human condition in the light of Axel Honneth's theories of social recognition and Hans Jonas' ethics of responsibility. Honneth explores how the individual's identity and autonomy are shaped by social recognition and interactive relationships in modern society. Jonas, for his part, highlights the need for an ethic of responsibility in the face of technological advances, which must take into account the future consequences of human actions. The transition from Homo Sapiens to Homo Faber symbolizes the transformation of the human being from a predominantly rational and social being to a productive and technological agent. The dialogue between Honneth and Jonas reveals how the ability to transform the world (Homo Faber) requires not only ongoing social recognition, but also deep ethical consideration of the impact of these transformations on the future. The text argues that the intersection of their theories offers a comprehensive view of the new human condition, highlighting the need to integrate ethical responsibility and social recognition in the age of technology and production.

Keywords: Social recognition; Axel Honneth; Ethics of responsibility; Hans Jonas; Homo Faber.

INTRODUÇÃO

Em *A condição humana* (2010) de Hannah Arendt vemos o ser humano apresentado tanto como o *Homo Sapiens*, isto é, aquele que pensa e reflete, quanto como o *Homo Faber*, aquele que envelhece e transforma o mundo através de sua técnica. Essa dualidade de perspectivas destaca a complexidade do papel humano na relação entre sociedade e natureza. Para Hans Jonas (2006, p. 40), “o advento do poder técnico coloca a humanidade em uma posição única, exigindo uma ética que transcenda o momento presente e considere as consequências futuras de nossas ações”. Nesse sentido, a evolução técnica, embora promissora, apresenta desafios éticos e ambientais que não podem ser ignorados.

Por outro lado, Axel Honneth (2003), sublinha a importância das relações de reconhecimento como base para a realização humana, argumentando que o progresso técnico deve ser compatível com a manutenção da dignidade e da justiça social. Segundo o autor, “o reconhecimento não é apenas uma necessidade individual, mas um princípio de organização social que permeia todas as esferas da vida” (Honneth, 2003, p. 17). Assim, o diálogo entre esses pensadores permite uma reflexão crítica sobre os limites e as possibilidades de progresso técnico e seu impacto sobre o ser humano enquanto agente ético e relacional.

No campo das relações sociais, Axel Honneth oferece outra perspectiva essencial ao abordar o reconhecimento como base para a realização humana. Para ele, o trabalho e a técnica, além de serem instrumentos de transformação do mundo, desempenham um papel central na

formação da identidade humana, uma vez que é através dessas atividades que o indivíduo busca reconhecimento em diferentes esferas da vida social. No entanto, o avanço técnico e econômico, ao desvincular as relações de reconhecimento, pode levar à desumanização das interações sociais e ao enfraquecimento dos laços de solidariedade.

Este artigo pretende explorar as interseções e as divergências entre os pensamentos de Jonas e Honneth sobre o papel da técnica no desenvolvimento humano, analisando a transformação do *Homo Sapiens* em *Homo Faber* e suas implicações éticas. No transcorrer do texto, serão abordadas questões como os limites do progresso técnico, a necessidade de uma ética da responsabilidade para guiar as ações humanas (Jonas, 2006) e a centralidade do reconhecimento como fundamento das relações sociais (Honneth, 2003). Ao final, busca-se construir um diálogo crítico que una as preocupações éticas e sociais de ambos os autores, apontando caminhos para superar os desafios contemporâneos do progresso técnico, sem comprometer a dignidade humana e a sustentabilidade planetária.

DO HOMO SAPIENS AO HOMO FABER

A modernidade é marco que apresentou “Tantas descobertas e saltos [que] classificam ou potencializam a identidade do *homo faber*” (Cavalcante, 20025, p. 29). Essa concepção representa uma etapa fundamental na evolução da humanidade, marcada pelo domínio das técnicas e pela capacidade de moldar o ambiente ao redor. No entanto, essa transformação também inaugura dilemas éticos e sociais, especialmente no que se refere à responsabilidade pelo impacto da técnica e ao reconhecimento das condições humanas num mundo cada vez mais instrumentalizado. Axel Honneth observa que o trabalho, como expressão do *Homo faber*, é uma das principais arenas de reconhecimento, onde o indivíduo busca validação social por meio de suas contribuições materiais e simbólicas. Para Honneth (2003, p. 92), “o trabalho é um espaço no qual os sujeitos encontram tanto sua realização quanto o potencial para a alienação, dependendo de como as relações sociais são estruturadas”.

Hans Jonas, por sua vez, alerta que a capacidade técnica do *Homo faber* não é neutra e exige uma ética externa para o cuidado com a vida e com o futuro. Para Jonas (2006, p. 32), “a técnica amplifica o poder humano a tal ponto que sua aplicação descontrolada ameaça a própria existência da humanidade”. Ele aponta que o *Homo faber* carrega consigo uma responsabilidade que transcende o presente, abrangendo gerações futuras, e que deve ser guiada por um princípio

ético preventivo³. Nesse sentido, o trabalho e a técnica, embora instrumentos de progresso, devem ser submetidos a critérios éticos que garantem não apenas a sobrevivência, mas também a dignidade humana.

Diante dessa abordagem, Brito (2008) destaca que a transição do *Homo sapiens* para o *Homo faber* é também um deslocamento de uma ética centrada na sabedoria para uma ética distinta para a ação transformadora. Para Brito, “Jonas redefine a responsabilidade moral ao integrá-la com os desafios técnicos do mundo contemporâneo, propondo uma reflexão que combina prudência e inovação” (Brito, 2008, p. 45). Assim, o diálogo entre Honneth e Jonas permite articular a luta por reconhecimento com uma ética de responsabilidade, revelando os desafios e as possibilidades de um mundo moldado pela técnica.

IMPLICAÇÕES DO *HOMO FABER* PARA AS RELAÇÕES DE RECONHECIMENTO E PARA A RESPONSABILIDADE

O conceito de *Homo faber*, como aquele que transforma o mundo por meio do trabalho e da técnica, traz implicações profundas para as relações de reconhecimento e para a ética da responsabilidade. Axel Honneth considera que a atividade produtiva é um dos âmbitos fundamentais de reconhecimento, na medida em que o trabalho oferece aos indivíduos a possibilidade de obter valorização social e autoestima. No entanto, ele também aponta que as dinâmicas contemporâneas do trabalho, regidas por lógicas de instrumentalização e exploração, podem gerar alienação e negar aos sujeitos o devido reconhecimento. Segundo Honneth (2003, p. 118), “a estrutura do trabalho deve ser transformada para que seja possível uma realização mais plena do reconhecimento, integrando aspectos materiais e simbólicos das contribuições humanas”.

Por outro lado, Hans Jonas alerta para as consequências éticas do avanço técnico, destacando que a responsabilidade não pode se limitar ao âmbito intersubjetivo, mas deve se expandir para englobar as futuras gerações e o ambiente. Jonas (2006, p. 23) argumenta que “o poder ampliado pela técnica impõe um novo imperativo ético: atuar de forma que as condições para a vida humana permaneçam intactas no futuro”. Assim, as práticas do *Homo faber* serão

³ A heurística do temor, proposta por Hans Jonas (2006), é um princípio ético preventivo que exige a reflexão responsável sobre os piores cenários possíveis das ações tecnológicas tendo o “temor” como guia. Diferente de um medo paralisante como apresenta Nodari (2014, p. 81), esse temor é uma deliberação racional que visa evitar o pior, estendendo a responsabilidade do ser humano (ser reflexivo) para garantir a sobrevivência e o bem-estar da vida humana e extra-humana para as gerações futuras.

avaliadas não apenas pelos resultados imediatos, mas pelos impactos duradouros que geraram na natureza e na sociedade.

A contribuição de Luc Boltanski e Ève Chiapello, em *O Novo Espírito do Capitalismo* (2020), inclui-se no diálogo entre Honneth e Jonas ao explicar a sofisticação da exploração no trabalho moderno. O cerne de sua análise é que a injustiça não reside apenas na falta de reconhecimento, mas na instrumentalização da autonomia e do engajamento do *Homo Faber*: o capitalismo tardio exige que o indivíduo seja criativo e se autorrealize no trabalho, cooptando essa busca por estima para fins de lucro e criando uma nova forma sutil de dominação. Essa instrumentalização, ao forçar o indivíduo a se concentrar na lógica de racionalidade instrumental de seus projetos pessoais, dificulta, por sua vez, a capacidade de manifestação da heurística do temor de Jonas, pois desvia o foco do trabalhador das grandes consequências intergeracionais e ecológicas da técnica.

Pesquisadores como Brito (2008), ressaltam que há uma tensão intrínseca entre a busca pelo reconhecimento no trabalho e a responsabilidade ética frente às consequências globais das ações humanas. Para Brito, “a reflexão de Jonas complementa a de Honneth ao exigir que a luta por reconhecimento seja articulada com a preservação das condições de existência, evitando que o progresso técnico e econômico se sobreponha às exigências éticas” (Brito, 2008, p. 62). Nesse sentido, superar as crises contemporâneas requer integrar as dimensões do reconhecimento e da responsabilidade em um modelo ético que considere tanto os indivíduos quanto o coletivo e o futuro.

O EQUILÍBRIO ENTRE PROGRESSO TÉCNICO E DIGNIDADE HUMANA

O progresso técnico, ao longo da história, proporcionou avanços significativos para a humanidade, mas também trouxe desafios éticos e sociais que exigem uma reflexão profunda⁴. Axel Honneth e Hans Jonas abordam essa temática de perspectivas complementares, apontando a necessidade de equilibrar o progresso técnico com a preservação da dignidade humana. Para Honneth, o progresso técnico deve ser analisado em termos das condições sociais que ele cria, especialmente no âmbito do trabalho e das relações de reconhecimento. Segundo Honneth (2003, p. 173), “o desenvolvimento técnico não pode ser desvinculado das estruturas de justiça

⁴ O progresso técnico (como IA, energia nuclear e mídias sociais) traz grandes avanços (eficiência, comunicação e cura de doenças). No entanto, ele gera sérios desafios éticos (como desigualdade, desemprego, risco existencial, perda de privacidade e questão da manipulação), exigindo que a humanidade reflita e aja com responsabilidade para controlar o poder da técnica.

social, pois impacta diretamente a maneira como os indivíduos se percebem e são reconhecidos na sociedade”.

Jonas, por outro lado, enfatiza que o progresso técnico impõe uma responsabilidade ampliada que transcende os limites do presente. Ele propõe o que chama de "princípio responsabilidade", que exige que as ações humanas sejam avaliadas não apenas por seus resultados imediatos, mas também por suas implicações a longo prazo para a sobrevivência da vida no planeta. Jonas (2006, p. 46) argumenta: “O progresso técnico sem uma ética que o guie torna-se uma força cega que ameaça tanto a natureza quanto a humanidade”.

Brito (2008) e Leopoldo e Silva (2014) tratam da convergência entre Honneth e Jonas no reconhecimento de que o progresso técnico precisa ser subordinado a valores éticos. Brito (2008, p. 62) observa que “Honneth e Jonas compartilham a preocupação com as consequências descontroladas do progresso técnico, ainda que a partir de perspectivas diferentes: Honneth foca nas estruturas sociais e Jonas, nas condições ecológicas e existenciais”. Silva (2014, p. 139) complementa, afirmando que “o equilíbrio entre progresso técnico e dignidade humana depende da capacidade de integrar a luta por reconhecimento e a responsabilidade com o futuro”.

OS PERIGOS DO PROGRESSO TÉCNICO DESCONTROLADO

Tanto Axel Honneth quanto Hans Jonas reconhecem que o progresso técnico, embora seja uma marca distintiva do *Homo faber*, pode gerar riscos profundos se não for acompanhado por uma reflexão ética. Honneth adverte que a técnica, quando aplicada sem considerar as relações sociais, pode intensificar desigualdades e comprometer o reconhecimento mútuo. Ele afirma que “a modernização técnica deve ser acompanhada por mecanismos que garantam justiça social, evitando que ela se torne um instrumento de exclusão e desumanização” (Honneth, 2003, p. 188).

Hans Jonas, por sua vez, amplia o escopo do problema ao considerar os impactos ecológicos e existenciais do progresso técnico descontrolado. Ele argumenta que a técnica ampliou tanto o poder humano que, agora, a própria sobrevivência da humanidade está em jogo. Jonas (2006, p. 58) destaca: “A ética tradicional, centrada no aqui e agora, é insuficiente para lidar com os desafios impostos pelo poder técnico. Precisamos de uma ética voltada para o futuro e para o cuidado com a totalidade da vida”.

Nesse contexto, Brito (2008) e Anders (2016) oferecem contribuições valiosas para compreender os perigos do progresso técnico descontrolado. Anders (2016, p. 101) argumenta

que “a desproporção entre o poder técnico e a capacidade ética humana cria um abismo que pode levar à catástrofe”. Brito (2008, p. 75) ressalta que “a integração entre o pensamento de Jonas e Honneth é essencial para enfrentar os desafios do progresso técnico, pois combina a dimensão social com a ecológica e existencial”.

A convergência dos alertas de Honneth e Jonas reforça a necessidade de uma abordagem ética que considere tanto o reconhecimento no plano social quanto a responsabilidade no plano ecológico e existencial. Esse diálogo é crucial para promover um progresso técnico que seja simultaneamente justo e sustentável.

O RECONHECIMENTO E A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE

O conceito de reconhecimento é central na teoria de Axel Honneth, oferecido como base para compreender as relações sociais e a realização humana. Segundo Honneth (2003, p. 25), “as experiências de reconhecimento são indispensáveis para que os indivíduos desenvolvam uma relação positiva consigo mesmos e com o mundo”. Em sua teoria, o autor identifica três esferas fundamentais para o reconhecimento: amor, que confere segurança emocional; direito, que garante a igualdade jurídica; e solidariedade, que valida as contribuições individuais no âmbito social. Essas esferas, por sua vez, encontram no trabalho e na técnica campos de expressão e conflito, onde a busca por reconhecimento pode ser tensionada pela exigência de produtividade e eficiência típicas da modernidade técnica.

O filósofo Charles Taylor (1994) complementa essa discussão ao afirmar que o reconhecimento é uma “necessidade humana vital”, uma vez que a identidade do indivíduo é constituída a partir de sua interação com os outros. Contudo, na sociedade contemporânea, marcada pelo avanço técnico e pela instrumentalização das relações, o reconhecimento corre o risco de ser fragmentado. Nesse contexto, Axel Honneth argumenta que, embora a técnica e o trabalho sejam essenciais como ferramentas de mediação social (pelos quais o indivíduo contribui e busca reconhecimento), a pressão de uma sociedade orientada pelo lucro pode corromper essa dinâmica, levando à alienação e ao consequente enfraquecimento dos laços de solidariedade entre as pessoas. Assim, a luta por reconhecimento, como argumenta Honneth, deve ser recompensada em diálogo com as dinâmicas impostas pela técnica.

Hans Jonas complementa e amplia a ideia crítica de Honneth quando aponta para a transformação da identidade própria do sujeito (2013, p.44). Ainda para Jonas (2006, p. 11), o cenário da técnica aponta para uma outra questão: “o poder adquirido pela técnica é tão imenso

que a responsabilidade humana precisa acompanhar esse crescimento para evitar catástrofes irreversíveis”. Essa responsabilidade deve transcender o presente e abranger as gerações futuras, rompendo com a ética tradicional⁵, que, segundo o autor, é limitada ao aqui e agora. A técnica, enquanto produto da ação humana, não é neutra, pois transforma as condições de existência, muitas vezes de maneira imprevisível.

Brito (2008) destaca que Hans Jonas introduz um paradigma ético inovador ao deslocar a responsabilidade moral da esfera individual para uma perspectiva global e intergeracional. Conforme afirma Brito, "A ética jonasiana convida à reflexão sobre os impactos da técnica em escala planetária, exigindo um cuidado preventivo diante das incertezas" (Brito, 2008, p. 32). Essa abordagem é crucial em tempos de crise ecológica, onde a técnica, apesar de necessária, pode gerar destruição em larga escala. Nesse sentido, a ética da responsabilidade de Jonas complementa a teoria do reconhecimento de Axel Honneth ao expandir o horizonte da moralidade: enquanto Honneth foca na relação intersubjetiva entre contemporâneos – garantindo estima e respeito mútuos – Jonas exige que essa mesma reflexão ética se estenda para além dos limites sociais atuais, ao propor que as ações humanas considerem não apenas os indivíduos presentes, mas também as gerações futuras que ainda estão por vir.

O diálogo entre Jonas e Honneth sobre a técnica revela tanto convergências quanto divergências. Ambos reconhecem o papel central da técnica no mundo moderno, mas abordam suas implicações a partir de perspectivas distintas. Honneth, focado na dimensão social, enfatiza que o trabalho técnico deve ser um espaço de reconhecimento, no qual os indivíduos possam ver suas contribuições valorizadas. Por outro lado, Jonas ressalta os riscos existenciais que o uso descontrolado da técnica pode acarretar, exigindo uma postura de responsabilidade ética. Para Jonas (2006, p. 25), “a técnica é uma força que exige freios éticos, sob pena de comprometer a própria existência humana”.

Ricoeur (2004) contribui para essa discussão ao destacar que a técnica não deve ser vista apenas como ameaça, mas como uma possibilidade de mediação ética. Segundo ele, “é pela técnica que a humanidade pode tanto realizar quanto destruir suas possibilidades éticas” (Ricoeur, 2004, p. 47). Assim, o ponto de convergência entre Jonas e Honneth reside na ideia

⁵ Compreende-se por ética tradicional, a ética da era clássica, o que o próprio Jonas (2006, p. 35), apresenta como antropocêntrica, dizia respeito às relações interpessoais de efeitos no presente, de acordo com Cavalcante, “A ética era delimitada a pensar as ações do homem no presente, no tocante à virtude ou aos vícios, à sabedoria ou à ignorância, à justiça ou à injustiça [...]” (Cavalcante, 2025, p. 30). Uma centralidade às coisas estritamente humanas que importasse à moralidade e ideais humanos.

de que uma técnica deve ser subordinada a valores éticos que preservem tanto a dignidade humana quanto a sustentabilidade.

Embora as perspectivas de Honneth e Jonas sejam complementares, também revelam ainda mais. Honneth privilegia a esfera intersubjetiva e as condições sociais do reconhecimento, enquanto Jonas enfatiza uma ética voltada para as gerações futuras e para o cuidado com o planeta. Segundo Honneth (2003, p. 55), “o reconhecimento depende da interação mútua entre os sujeitos”, o que sugere um foco no presente. Jonas, por outro lado, alerta que o uso da técnica sem uma ética de longo prazo pode comprometer até mesmo as bases para o reconhecimento. Nesse sentido, Brito (2008, p. 41) faz uma observação que, “a responsabilidade ética proposta por Jonas pode complementar a luta por reconhecimento de Honneth, ao lembrar que as condições materiais e ecológicas são fundamentais para a justiça social”.

A técnica, enquanto mediação de produção e trabalho que visa um fim transforma-se em um campo de disputa. Por um lado, um instrumento de trabalho e criatividade que fortalece o reconhecimento. Por outro lado, pode ser uma ameaça à sobrevivência e à dignidade humana quando utilizada sem responsabilidade. O desafio contemporâneo, portanto, é integrar essas perspectivas, acompanhando que o técnico precisa adequar-se aos princípios de progresso de reconhecimento e responsabilidade, garantindo um futuro que seja eticamente sustentável e socialmente justo.

O trabalho e a técnica ocupam lugares centrais na história da humanidade, marcando o papel transformador do *Homo faber*. No pensamento de Axel Honneth, o trabalho não é apenas um meio de sobrevivência, mas também uma arena de reconhecimento social. Através do trabalho, os indivíduos buscam valorizar suas capacidades e integrar-se na sociedade. No entanto, o trabalho moderno, muitas vezes estruturado por dinâmicas de alienação e desigualdade, pode dificultar essa busca. Para Honneth (2003, p. 149), “o reconhecimento no trabalho exige que as estruturas econômicas permitam o desenvolvimento das potencialidades humanas, superando formas de exploração que reduzem os indivíduos a instrumentos de produção”.

Hans Jonas, por sua vez, alerta para os riscos éticos associados à técnica, que amplifica o alcance do trabalho humano, mas também impõe novos desafios à sobrevivência. A técnica não é moralmente neutra, pois suas aplicações têm consequências que ultrapassam o presente, afetando gerações futuras. Jonas (2006, p. 37) argumenta que “o progresso técnico aumenta exponencialmente o poder humano, mas também exige uma responsabilidade ampliada, capaz de conter os impactos destrutivos de sua aplicação indiscriminada”. Assim, a técnica deve ser

subordinada a um princípio ético que preserve tanto a dignidade humana quanto a integridade do meio ambiente.

Autores como Brito (2008) e Leopoldo e Silva (2014) destacam que a relação entre trabalho e técnica é também um campo de tensão entre emancipação e risco. Enquanto o trabalho técnico pode libertar o ser humano de determinadas limitações materiais, ele também pode criar novas formas de dependência e exploração. Brito (2008, p. 55) observa que “a reflexão de Jonas complementa a de Honneth ao mostrar que a luta por reconhecimento no trabalho deve ser acompanhada por uma ética de responsabilidade frente às consequências das práticas técnicas”. Leopoldo e Silva (2014, p. 112), por sua vez, ressaltam que “o desafio contemporâneo é alinhar o desenvolvimento técnico às exigências éticas de justiça social e sustentabilidade ambiental”.

A integração entre o pensamento de Honneth e Jonas, portanto, revela que o trabalho e a técnica não podem ser separados de uma reflexão ética mais ampla, que considera tanto as necessidades imediatas de reconhecimento quanto as implicações futuras da ação humana. Esse diálogo é fundamental para a construção de uma sociedade que valorize o trabalho humano sem ignorar os limites impostos pela responsabilidade ecológica e intergeracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre Axel Honneth e Hans Jonas, explorado neste artigo, revela-se como uma contribuição essencial para compreender os desafios éticos e sociais da contemporaneidade. Enquanto Honneth destaca o papel das relações de reconhecimento na construção da identidade e da justiça social, Jonas alerta para a necessidade de uma ética da responsabilidade capaz de orientar as ações humanas frente ao poder ampliado pela técnica. Ambos os pensadores, em suas perspectivas diversificadas, mas complementares, oferecem ferramentas teóricas para refletir sobre os dilemas do *Homo faber* e do *Homo sapiens*, cuja atuação no mundo exige um equilíbrio entre progresso técnico, dignidade humana e sustentabilidade.

É possível identificar que o pensamento de Hans Jonas lança um desafio radical à esfera do reconhecimento social proposta por Axel Honneth, ao confrontar o sonho ambicioso do *Homo faber* de autotransformação. Jonas aponta que o domínio técnico contemporâneo não se limita mais a transformar o mundo externo, mas aspira a “tomar em suas mãos a sua própria evolução” (Jonas, 2006, p. 61), visando não apenas “[...] conservar a espécie em sua integridade, mas de melhorá-la e modificá-la segundo seu próprio projeto” (Jonas, 2006, p. 61).

O questionamento de Hans Jonas – "Quem serão os criadores de 'imagens', conforme quais modelos, com base em qual saber?" (Jonas, 2006, p. 61) – atinge o cerne da Teoria do Reconhecimento de Honneth ao politizar o problema da identidade. Se, para Axel Honneth, a identidade e a autoestima são construídas por meio de relações intersubjetivas de reconhecimento, culminando na estima social baseada em valores culturais compartilhados, Jonas questiona o que acontece quando o *Homo Faber* assume o poder de manipular as bases dessa identidade. O problema deixa de ser a falta de reconhecimento do sujeito existente e passa a ser a predefinição da imagem do sujeito futuro: quem tem o direito moral e o saber técnico para decidir qual "modelo" humano merece existir e ser valorizado? Antes do reconhecimento, vem o questionamento da identidade e o que se faz dessa identidade.

Ao levantar essa questão, Jonas expõe a fragilidade da ética do reconhecimento diante do poder de criação de identidade: se o *Homo Faber* pode forjar a própria "imagem" humana, ele compromete a condição de igualdade e reciprocidade pressuposta por Honneth. Em resposta aos levantes de Honneth, a questão da "imagem" torna-se, então, um imperativo de responsabilidade preventiva que antecede o "reconhecimento": o reconhecimento só pode ser justo e válido se a própria integridade e diversidade da espécie humana, sobre a qual as identidades são formadas, não tiver sido autoritariamente predeterminada por um grupo de "criadores de imagens" do presente.

Dessa forma, a ética da responsabilidade de Jonas atua como um freio ontológico à teoria do reconhecimento de Honneth. Se o reconhecimento busca a estima social e a autorrealização no presente, principalmente com o avanço e desenvolvimento da técnica na modernidade, o projeto de Jonas exige uma autolimitação preventiva no uso da técnica para proteger a integridade da natureza humana no futuro. A responsabilidade, portanto, não é apenas para com o outro, mas para com o ser enquanto tal da humanidade que ainda virá.

A relevância contemporânea dos conceitos abordados no diálogo entre Honneth e Jonas é evidente. As questões do reconhecimento, no plano social, e da responsabilidade, no plano ecológico e intergeracional, são indispensáveis para enfrentar problemas como desigualdades sociais, mudanças climáticas e os impactos das tecnologias emergentes. No contexto atual, marcado por crises globais e pela intensificação das interdependências entre sociedades e ecossistemas, a integração desses pensamentos oferece uma base teórica para propor soluções éticas que contemplem tanto as necessidades presentes quanto as futuras.

Por fim, este artigo sugere que novas pesquisas podem ampliar e aprofundar o diálogo entre Honneth e Jonas. Um possível caminho seria investigar a relação entre técnica e

reconhecimento em ambientes tecnológicos contemporâneos, como o trabalho digital e a inteligência artificial. Outro ponto promissor seria explorar as implicações práticas da ética da responsabilidade para políticas públicas, especialmente no que tange à justiça social e à preservação ambiental. Assim, o diálogo entre esses dois autores pode continuar a inspirar reflexões teóricas e intervenções práticas que respondam aos desafios do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANDERS, Günther. **A obsolescência do homem**: sobre a alma na era da segunda revolução industrial. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. de Roberto Raposo. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Trad. de Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- BRITO, Adriano Naves de. **Hans Jonas e a ética da responsabilidade**: fundamentos e desdobramentos. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.
- CAVALCANTE, Germano Alves. **A ética da responsabilidade de Hans Jonas e uma intervenção didático-filosófica para a civilização tecnológica**. Curitiba: Editora CRV, 2025.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.
- JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio sobre uma ética para a civilização tecnológica. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- JONAS, Hans. **Técnica, Medicina e Ética**: sobre a prática do princípio responsabilidade. Trad. Grupo de Trabalho Hans Jonas da ANPOF. São Paulo: 2013.
- NODARI, Paulo César; PACHECO, Luiza de Azevedo. Responsabilidade e heurística do temor em Hans Jonas. **Conjectura: Filosofia e Educação**. Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 69-95, 2014.
- RICOEUR, Paul. **O justo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **A técnica e o humano**: desafios da ética no mundo contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo e a política do reconhecimento**. Lisboa: Gradiva, 1994.

Recebido em: 16 dez. 2024.

Aprovado em: 17 set. 2025.

Publicado em: 10 dez. 2025.